

TOMBAMENTOS em Campinas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 dez., 1969.

Tombamentos em Campinas

É raro que se tenha conhecimento de iniciativas como essa que acaba de tomar a Câmara Municipal de Campinas, visando o tombamento de monumentos históricos do Município. Assim como são raros os que se preocupam, nesta fase em que predomina a mística do progresso e do desenvolvimento, com problemas culturais e assuntos relacionados com a educação cívica, com a difusão artística e o culto das tradições. Falamos, naturalmente, dos elementos que ocupam cargos e posições de cunho político.

No caso da proposição surgida na Câmara de Campinas, há que lamentar apenas não tenha sido aventada a idéia de serem os monumentos históricos indicados devidamente restaurados e tratados pela própria Prefeitura, para em seguida se cuidar do seu tombamento, providenciando esta de âmbito federal ou estadual. Mas de qualquer modo, a simples lembrança de preservação de tais monumentos já é por si própria digna de registro e de louvor. São três as construções e edifícios que os campineiros pretendem conservar como testemunho de uma época gloriosa da sua história, um velho chafariz, o prédio de antiga escola primária e a Capela de Santa Cruz, que data dos inícios do povoamento da atual cidade de Campinas.

O mesmo evocativo de todos é sem dúvida o chafariz que se levanta no antigo pátio da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e que

na sua última fase se transformou em bebedouro de animais, indispensável no tempo em que o transporte urbano de mercadorias se fazia principalmente por meio de carretas e carroças. Sua função, ao ser construído, em 1889, consistia em fornecer água potável aos moradores do bairro, água que era trazida desde a área de Valinhos. Na singeleza da sua construção, o velho chafariz bem merece ser conservado, pois há de ser um dos raros desse gênero ainda existentes em território paulista.

O edifício da escola primária "Ferreira Penteado", na rua Regente Feijó, data de 1880 e foi doado ao Município três anos depois. Construído pelo fazendeiro Joaquim Ferreira Penteado, segundo planta de Ramos de Azevedo, abrigou no seu início uma escola para crianças pobres, mantida pela família do fazendeiro. Essa característica foi perpetuada, como condição imposta pela família doadora, incluindo a sua denominação. O órgão federal competente não veria certamente nesse prédio motivos que justificassem seu tombamento; mas há monumentos que dizem de perto ao coração de munícipes, embora pouco possam significar para os estranhos. Nesse caso está também a Capela de Santa Cruz, o primeiro templo erguido em terras campineiras e que por toda lei deve ser conservado e dignificado, dignificando-se com isso o povo que nasceu sob a sua proteção e inspiração.